



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

AMANDA TORRES TRAJANO

“A POLÍCIA ATRÁS DE MIM”: DEPRIVAÇÃO E DELINQUÊNCIA EM
“EU NÃO QUIS TE FERIR”, DE RINALDO DE FERNANDES

João Pessoa,
2024

AMANDA TORRES TRAJANO

“A POLÍCIA ATRÁS DE MIM”: DEPRIVAÇÃO E DELINQUÊNCIA EM
“EU NÃO QUIS TE FERIR”, DE RINALDO DE FERNANDES

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de Letras
Clássicas e Vernáculas da Universidade
Federal da Paraíba como requisito
parcial para a obtenção do título de
Licenciado em Letras - Português.

Orientador: Prof. Dr. Hermano de França
Rodrigues

João Pessoa,
2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

T768a Trajano, Amanda Torres.

"A polícia atrás de mim": deprivação e delinquência
em " Eu não quis te ferir", de Rinaldo Fernandes. /
Amanda Torres Trajano. - João Pessoa, 2024.
48 f.

Orientador : Hermano de França Rodrigues.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências, Letras e Artes, 2024.

1. Literatura. 2. Psicanálise. 3. Teoria
Winnicottiana. I. Rodrigues, Hermano de França. II.
Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82:159.964.2

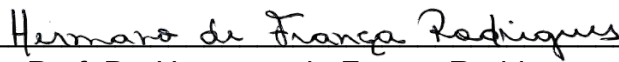
AMANDA TORRES TRAJANO

“A POLÍCIA ATRÁS DE MIM”: DEPRIVAÇÃO E DELINQUÊNCIA EM “EU NÃO
QUIS TE FERIR”, DE RINALDO DE FERNANDES

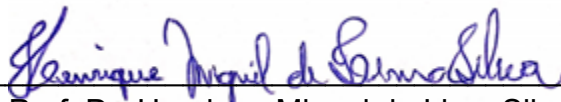
Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba
como requisito parcial para a obtenção do título
de Licenciado em Letras - Português.

João Pessoa, 26 de abril de 2024

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues
Universidade Federal da Paraíba



Prof. Dr. Henrique Miguel de Lima Silva
Universidade Federal da Paraíba



Prof. Me. Matheus Pereira de Freitas
Universidade Federal da Paraíba

Dedico este trabalho aos meus filhos e meus amigos, pelo apoio incondicional durante toda essa jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus professores, por toda a dedicação, e amigos, pela constante motivação durante essa intensa caminhada acadêmica. Também agradeço aos meus parceiros e orientadores em pesquisas acadêmicas pelo compartilhamento e construção de descobertas.

A todos os meus colegas membros do Grupo de Pesquisa em Literatura Gênero e Psicanálise (LIGEPSI), agradeço pelas atividades desenvolvidas de maneira respeitosa e enriquecedora. Entre eles, em especial, ao meu prezado Prof. Dr. Frederico de Lima Silva, pela disposição para dialogar comigo acerca da obra rinaldiana e para revisar o presente trabalho.

Igualmente, agradeço ao Prof. Dr. Rinaldo de Fernandes, ilustre escritor que tanto me estimulou e disponibilizou sua obra para essa pesquisa.

Ao meu orientador e estimado Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues, agradeço pelo acompanhamento atencioso e sempre presente, pela indicação de excelentes materiais, bem como pelas oportunidades e por me fazer acreditar que ainda há sonhos possíveis.

Agradeço aos meus pais, Edvaldo Trajano e Ana Torres, pelo incentivo que oportunizou a minha permanência no curso.

Agradeço aos meus amados filhos, Larissa, Monique e João Pedro, bem como ao meu genro estimado, João Victor, por caminharmos juntos e por toda a compreensão, apoio, amor e companheirismo de sempre.

Por último, agradeço ao meu amigo mais querido, Aquiles, por me ajudar a superar incontáveis obstáculos ao longo do curso, por me acolher carinhosamente durante o processo de escrita desse trabalho, por nunca me deixar fazer o que eu quero (e o que quero fazer é, frequentemente, a coisa errada), mas, principalmente, por nunca me deixar desistir.

“Exu matou um pássaro ontem com
uma pedra que só jogou hoje.”

(Provérbio iorubá)

RESUMO

Apesar de a relação entre as manifestações artísticas e a experiência estética não ser, mesmo à época, assunto novo, foi a contribuição de Freud a mais substancial, ao reconhecer nas artes, especialmente na literatura, um espaço simbólico-metafórico em que a psique humana pode materializar-se. Nesse sentido, a aproximação entre a literatura e a psicanálise é especialmente produtiva, na medida em que nos permite ampliar as buscas em torno dos mistérios da mente humana. Ao colocar-se em perspectiva as novas óticas lançadas pela literatura contemporânea sobre as problemáticas sociais, é possível perceber obras de imersão hiper-sintética e cuja principal representação é a da violência, essencial para que sejam apreendidos por completo os “retratos de Brasil” que se constroem nas tramas pós-modernas. Diante disso, a obra de Rinaldo de Fernandes assume especial relevância, pois reflete sobre a degradação das relações humanas sob o viés dos conflitos urbanos e da fragilidade socioeconômica. Sua narrativa é, portanto, permeada pela crueldade, pela miséria e pela marginalidade, elementos capazes de colocar o leitor diante dos seus próprios instintos agressivos, esses que, desde muito cedo, são gradualmente suprimidos a fim de possibilitar a socialização. Com base nessas constatações, traçou-se como objetivo do presente trabalho verificar como a privação e a delinquência direcionam a jornada de Ismael, protagonista do romance rinaldiano *Eu não quis te ferir*, de 2022. Logo, fez-se imprescindível, primeiramente, discutir o histórico brasileiro de violência étnica; em seguida, abordar o “mal-estar” e o “infamiliar” em Freud, bem como detalhar as ideias de “deprivação” e “delinquência” em Winnicott. Por fim, discorreu-se sobre como se construíram as relações entre a narrativa e os conceitos da teoria winnicottiana. Para tanto, tomou-se referencial teórico em pesquisadores da psicanálise e dos estudos étnicos, entre eles: Freud ([1919] 2019; [1930] 2010), Winnicott (1971/1975; 1995; 2023), Fanon (2022), Loparic (2014), Batista (2021, entre outros.

Palavras-chave: Literatura, Psicanálise, Teoria Winnicottiana, Deprivação, Delinquência.

ABSTRACT

Although the relationship between artistic manifestations and aesthetic experience was not a new subject even at the time, Freud's contribution was the most substantial, recognizing in the arts, especially in literature, a symbolic-metaphorical space in which the human psyche can materialize. In this sense, the approach between literature and psychoanalysis is particularly productive, as it allows us to expand our research around the mysteries of the human mind. By considering the new perspectives offered by contemporary literature on social issues, it is possible to perceive works of hyper-synthetic immersion whose main representation is violence, essential for a complete understanding of the "portraits of Brazil" constructed in postmodern plots. Therefore, the work of Rinaldo de Fernandes assumes special relevance, reflecting on the degradation of human relationships through the lens of urban conflicts and socioeconomic fragility. His narrative is thus permeated by cruelty, misery, and marginality, elements capable of confronting the reader with their own aggressive instincts, which are gradually suppressed from an early age to enable socialization. Based on these observations, the aim of this study was to examine how deprivation and delinquency shape the journey of Ismael, the protagonist of Fernandes' novel *Eu não quis te ferir* (I Didn't Mean to Hurt You), published in 2022. Thus, it was essential, first, to discuss the Brazilian history of ethnic violence; then, to address Freud's concepts of "malaise" and "unheimlich," as well as to detail Winnicott's ideas of "deprivation" and "delinquency". Finally, the relationships between the narrative and the concepts of Winnicottian theory were discussed. To achieve this, theoretical references were drawn from researchers in psychoanalysis and ethnic studies, including Freud ([1919] 2019; [1930] 2010), Winnicott (1971/1975; 1995; 2023), Fanon (2022), Loparic (2014), Batista (2021), among others.

Keywords: Literature, Psychoanalysis, Winnicottian Theory, Deprivation, Delinquency.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Freud, Psicanálise e Literatura.....	10
1.2 Literatura Brasileira e contemporânea	12
2. RACISMO, VIOLÊNCIA E CONFLITOS DE CLASSE.....	10
3. A PSICANÁLISE FREUDIANA E WINNICOTTIANA	10
3.1 O Mal-estar e o Infamiliar em Freud	10
3.2 Deprivação e Delinquência em Winnicott	24
4. DEPRIVAÇÃO E DELINQUÊNCIA NA NARRATIVA RINALDIANA	30
4.1 “Eu não quis te ferir”, de Rinaldo de Fernandes	30
4.2 A trajetória de Ismael sob a ótica psicanalítica	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46

1. INTRODUÇÃO

1.1 Freud, Psicanálise e Literatura

A relação entre as manifestações artísticas e a experiência estética tem sido um tema de reflexão ao longo da história da arte e, sem dúvidas, a influência dos pressupostos psicanalíticos acrescentou uma nova perspectiva acerca desses estudos, destacando a busca por elementos que pudessem emergir do inconsciente de modo a contribuir na construção dos sentidos presentes nas produções artísticas. Nesse contexto, tornou-se incontestável o crucial papel desempenhado por Sigmund Freud (1856 – 1939) tanto por meio da elaboração do conceito de inconsciente — a partir de investigações apontadas na obra *A Interpretação dos Sonhos* (1900) — quanto por suas investigações, registradas em escritos críticos sobre algumas obras de arte conhecidas em todo o mundo.

Segundo consta do prefácio escrito por Ernani Chaves no livro *Freud: arte, literatura e os artistas* (2015), Max Graf, crítico musical vienense, destacou: “Freud foi uma das pessoas mais cultivadas que conheci. Ele conhecia todas as obras mais importantes dos escritores. Conhecia os quadros dos grandes artistas, que tinha estudado nos museus e igrejas da Itália e da Holanda.” (Graf, 1993, p. 33, *apud* Chaves, 2015, p. 3). Dessa forma, a aproximação de Freud com as obras de arte, em especial com a literatura, fez com que ele enxergasse, nesse campo, um palco simbólico e metafórico da psique humana. Paralelamente, “a doutrina psicanalítica se apresenta de maneira quase análoga: um aparelho de conceitos que reconstroem o psiquismo profundo, e modelos de decifração” (Bellemin-Noël, 1978, p. 13). Diante disso, Freud passou a se valer da literatura para ilustrar as descobertas presentes em seus estudos psicanalíticos.

A aproximação entre as duas áreas se tornou tão acentuada que, quando homenageado pela descoberta do inconsciente, Freud fez questão de pontuar que acreditava que os poetas e os filósofos haviam conseguido este feito antes dele¹, cabendo-lhe apenas a descoberta do método científico que analisasse essa parte

¹ TRILLING, Lionel. “Freud e a literatura”. In: *A imaginação liberal*. São Paulo: É Realizações, 2015, p. 63.

oculta da psique. Tal posicionamento indica que os estudos psicanalíticos foram influenciados não apenas pelos ditames da ciência, mas, ainda, pelas contribuições da Filosofia e da Literatura, por estas se debruçarem sobre a compreensão da essência humana, serem um espaço de expressão do mundo interno e refletirem experiências, desejos e conflitos psicológicos. Nesse contexto, pode-se afirmar que a crítica psicanalítica busca compreender a obra literária por um viés autônomo, em que se observem os enlaces promovidos pelo próprio espaço do significante. Assim, atenta-se para o fato de que “a escrita que se faz em torno do vazio que nos constitui, através dos gestos pulsionais que circundam as bordas do corpo, aí mesmo, na sua literalidade, revela seu caráter erótico.” (Brandão, 1996, p. 10).

Segundo Bellemin-Noël (1978, p.12), “assim como o reconhecimento da psicanálise, e em parte graças a ela, a apreciação da originalidade do literário foi laboriosa”, pois foi “preciso aceitar a ideia de uma linguagem *diferente*, que não dizia apenas, nem exatamente nem verdadeiramente, o que se precisa dizer” (Bellemin-Noël, 1978, p. 12, grifo do autor). Dessa forma, a linguagem literária não expressa apenas o que está na ordem do consciente, mas também sugere o imprevisível e o desconhecido por meio de seus hiatos e dos excessos que compõem seus sentidos, isto é, recepta em si parte do que está velado e parte de elementos inconscientes que parecem pertencer aos prazeres, às angústias e às pulsões humanas.

Essa amplitude de sentidos também foi considerada por outros autores, a exemplo de Ezra Pound (1885-1972). Corroborando o supramencionado, o autor argumenta que a “[...] literatura é simplesmente linguagem carregada de significado até o máximo grau possível” (Pound, 2006, p. 32) e que é ela, também, a arte de condensar imagens por meio das palavras (Pound, 2006). Assim, essas imagens, palavras e pluralidades de sentidos seriam o material poético que tornaria lírico o que, fora do espaço do texto literário, poderia se tornar comum.

Ante essa conjuntura, Bellemin-Noël (1978) indica que Freud instaura um ponto de encontro entre as duas áreas, Literatura e Psicanálise. Isto pois se a literatura se apresenta como um ponto de vista sobre a realidade do homem, o meio em que ele vive e a forma pela qual se dão as interações no mundo; a psicanálise, de maneira análoga, apresenta-se como um aparelho de conceitos que ressignificam o mundo por meio de seus modelos de decifração. Nesse sentido, as duas se amparam na interpretação da realidade do homem e Freud, ao utilizar-se da literatura, desenvolveu os moldes para novas possibilidades de interpretação mobilizadas por

um arcabouço teórico que buscava o aparecimento daquilo que a estética busca ocultar.

Para Rancière (2009), existe um inconsciente que se estabelece no domínio das artes, sobretudo da literatura, manifestando-se no espaço de intersecção entre o visível e o invisível, o dizível e o indizível. Esse conjunto de elementos não disponíveis, e que só pode ser parcialmente recuperado, seria o que podemos nomear de inconsciente estético. Nessa perspectiva, a união entre Literatura e Psicanálise permite ampliar o entendimento que temos do mundo e de nós mesmos, possibilitando a exploração em torno dos mistérios da mente humana de maneiras mais significativas.

1.2 Literatura Brasileira e contemporânea

Falar em literatura contemporânea é adentrar em uma seara que possibilita a reflexão para além de um lazer despretenso ou de uma imersão em registros dos tempos atuais. Os espaços literários da contemporaneidade permitem a observação dos matizes de uma complexa dinâmica do cotidiano, da condição humana e da cultura, estes que influenciam a nossa formação enquanto sujeitos na sociedade, bem como as camadas que podem atingir nossa subjetividade. Haja vista que as narrativas literárias, como considerado previamente, têm a capacidade de emocionar, de envolver e de promover a empatia e a identificação nos indivíduos.

Pode-se compreender a literatura contemporânea como uma abordagem que incorpora “novos espaços, novas identidades, novos problemas para a representação” (Dalcastagnè, 2012, s/p). Nesse sentido, a narrativa contemporânea se concentra na descrição de corpos sociais com as rasuras próprias de seu tempo e entorno, em vez de enfatizar as narrativas tradicionais. Segundo Dalcastagnè (2012, s/p), “o confronto entre corpos socialmente construídos para ocuparem espaços diferentes parece uma temática oportuna em uma sociedade violenta e repressora”. Dessa forma, é comum que se percebam marcas de um mal-estar de nosso tempo, marcado na figura de muitos dos personagens então retratados.

Além disso, caso se confronte a literatura contemporânea com narrativas do século XIX, será notável que os últimos eram, decerto, mais longos em descrições, bem como propiciavam uma imersão mais lenta e detalhada (Dalcastagnè, 2012). Entretanto, “[a] literatura contemporânea brasileira desafia o leitor a reconhecer

instantaneamente os diferentes códigos sociais embutidos em cada situação, exigindo uma ambientação mínima para uma compreensão mais profunda” (Dalcastagnè, 2012, s/p) e contribuindo para uma experiência de leitura mais dinâmica e participativa.

Dentre os temas suscitados na Literatura Brasileira Contemporânea, a representação da violência na cultura recebe especial atenção, pois desempenha um papel crucial na reflexão e na compreensão da realidade social, política e histórica do país. Além disso, permite resgatar e preservar a memória de eventos violentos do passado, como a escravidão, a ditadura militar e os conflitos urbanos, o que contribui para a construção de um registro histórico mais completo e plural.

Corroborando esse pensamento, Cândido (1979) *apud* Pellegrini (2008) aponta a necessidade de abandonar, nas abordagens literárias, visões reducionistas acerca da cultura, ou seja, perspectivas que a tratem como uma simples busca pela "graça, beleza e harmonia". Contrariamente, destacou a premência de trazer para a literatura uma função social mais ampla, que considerasse as afetações da violência e da degradação na sociedade contemporânea, contribuindo, portanto, para a compreensão e transformação dos problemas sociais e culturais da atualidade (Cândido, 1979, *apud* Pellegrini, 2008).

Diante disso, Pellegrini (2008, p. 31) afirma que se deve “buscar outras categorias de análise, não restritas a forma e estilo [...], para buscar compreender o sentido e a função da produção da cultura e da literatura hoje”. Segundo a autora, existe, na sociedade, uma emergência de obras literárias que exploram temas como a violência, a delinquência e a degradação das condições de vida; e que levem em conta o impacto e o mal-estar gerado por essas representações traumáticas, bem como a imprescindibilidade de abrir vias para a discussão pública sobre a manifestação desses atos.

Ao congregarmos as constatações de Pellegrini (2008) e a proposição freudiana do princípio da realidade (Freud, [1930] 2010), tem-se que o ato da leitura de obras que escancaram a violência e a perversidade coloca o leitor, ainda que inconscientemente, diante dos seus próprios instintos agressivos, previamente suprimidos pelas normas sociais. Nesse sentido, a literatura que aborda questões sombrias e violentas é capaz de despertar nos indivíduos uma espécie de identificação que lhes permite elaborar seus próprios conflitos internos, propiciando

um processo de reflexão e autoconhecimento por meio da vivência simbólica de emoções e desejos reprimidos.

Nesse contexto, a obra *Eu Não Quis te Ferir* (2022), de Rinaldo de Fernandes², manifesta, com bastante força, algumas das temáticas contemporâneas que tanto angustiam os leitores, devido ao seu teor de violência. Ao refletir as adversidades sociais e os conflitos urbanos, os quais dão lastro para a destruição dos laços familiares, a obra se revela marcada por uma narrativa permeada pela crueldade, pela miséria e pela marginalidade. Na trama rinaldiana, um dos protagonistas, Ismael, é desenhado como uma figura sem retrato e em situação de vulnerabilidade social, vítima das violências urbanas, da zombaria e da exclusão, bem como da violência psicológica e estrutural.

Diante do exposto, o presente trabalho tem por objetivo examinar, sob a égide da psicanalítica winnicottiana, as nuances estéticas decorrentes do panorama de privação³ e delinquência atrelado a Ismael, bem como estabelecer conexões entre estas e as falhas ambientais originadas no ocultamento da figura paterna e no tratamento degradante empreendido pela sociedade na lida com o personagem.

Para tanto, primeiramente, será construída uma breve discussão acerca do histórico brasileiro de violência e de conflitos étnicos. Em seguida, será trabalhada a questão do “mal-estar” e do “infamiliar” em Freud ([1930] 2010; [1919] 2019). Posteriormente, haverá o delineamento das ideias winnicotianas de “deprivação” e “delinquência”, as quais serão os mecanismos analíticos deste estudo, e, por fim, será realizada a análise do romance, de modo a descortinar como os conceitos supracitados se relacionam com a trajetória trágica de Ismael.

² Doutor em letras pela UNICAMP, escritor, professor universitário e grande homenageado do II Congresso Nacional sobre o Mal na Literatura. A obra *Rita no Pomar* — seu primeiro romance publicado — foi finalista do *Prêmio São Paulo de Literatura*, em 2008. Enquanto cidadão maranhense, recentemente recebeu, no evento de *200 anos de Gonçalves Dias*, uma medalha da *Academia Maranhense de Letras*. Além da obra citada, o autor publicou outros dois romances: *Romeu na estrada* (2014) e *Eu não quis te ferir* (2022), obra analisada no presente trabalho. O escritor detém a arte de narrar sobre as vidas doídas e fatigadas como um exercício de empatia, de solidariedade aos desafortunados e de forma a denunciar uma realidade condenável.

³ Segundo N. E. de Leopoldo Fulgêncio, “Winnicott diferencia *privation* de *deprivacion*. O primeiro diz respeito à privação em termos primitivos: à falta de sustentação ambiental, de uma mãe-ambiente que daria sustentação ativa para que o sentimento de ser pudesse ser experienciado. O segundo, por sua vez, supõe a experiência de sustentação ambiental e uma perda posterior, gerando a percepção de ter sido roubado ou agredido pela falha do ambiente” (Winnicott, 2023, p. 9).

2. RACISMO, VIOLÊNCIA E CONFLITOS DE CLASSE: BREVE PANORAMA DO CONTEXTO BRASILEIRO

O reconhecimento das dimensões política, econômica e sócio-histórica, que fundamentam as interações e eventos perpetrados no nosso cotidiano, converte-se em um dispositivo elucidativo a serviço do que entendemos, hoje, por letramento racial. Em pensamento alinhado a essa necessidade, urge o processo de desnaturalização do sentido dado, durante muito tempo, ao termo “raça”, atrelando a origem desse conceito ao momento histórico que o circunda, durante o qual se almejava “segregar” e “categorizar” grupos de indivíduos por suas características fenotípicas, o que revela a regularidade cotidiana das ações motivadas pelo racismo.

Segundo Almeida (2018), apesar das inúmeras controvérsias acerca da etimologia do termo, tanto é inevitável quanto mais seguro que seu sentido seminal seja associado à necessidade de estabelecer classificações. Durante o século XVI, a palavra “raça” adquire um sentido mais específico, relacionado à distinção de seres humanos, fenômeno esse bastante influenciado pelo crescimento econômico mercantilista, pela descoberta do Novo Mundo e pelo avanço das ideias iluministas sobre o “homem” enquanto conceito filosófico complexo, o que permitia a comparação, a classificação por características físicas e culturais, bem como a consequente hierarquização (Almeida, 2018). A dinâmica das relações sociais coloniais moldou o entendimento da universalização do homem, articulando uma nova tecnologia de submissão humana. Para Almeida,

o contexto da expansão comercial burguesa e da cultura renascentista abriu as portas para a construção do moderno ideário filosófico que mais tarde transformaria o europeu no homem universal (atentar ao gênero aqui é importante) e todos os povos e culturas não condizentes com os sistemas culturais europeus em variações menos evoluídas (Almeida, 2018, p. 18).

Essa construção ideológica, advinda do processo colonial, tinha, entre suas culminações, a subalternização cultural e a desumanização de determinadas sociedades. Alinhando-se a esse pensamento, Appiah (2014) sustenta que a própria noção de “negro” é, essencialmente, uma construção europeia, uma vez que os “brancos” conceberam essa categorização com o propósito de exercer domínio sobre os povos de descendência africana.

Proveniente de discussões mais contemporâneas, delineia-se uma certa tendência à análise do que tem sido denominado “branquitude”, uma vez que, reconhecendo a existência marcada da raça na materialidade dos processos coloniais, é necessário pensar no efeito da desracialização da população branca. Conforme Frankenberg (2004), alguns dos pontos balizadores para o entendimento do termo “branquitude” e da sua dinâmica são: vantagens estruturais acumuladas por indivíduos de pele “branca” nas sociedades estruturadas sobre a dominação cultural; ponto hegemônico de perspectiva pelo qual os indivíduos enxergam a si mesmos e aos outros, bem como às ordens nacionais e globais; e, além disso, *locus* de elaboração de uma gama de práticas culturais e identitárias frequentemente mascaradas pelo termo “normativo”.

Diante disso, é inegável que muitos dos atos e discursos violentamente reproduzidos em nações marcadas por processos coloniais têm uma intrínseca e estável relação ideológica-opressiva com os resquícios do que se configurou durante esse processo histórico e que, posteriormente, tornou-se uma forma de compreensão das relações sociais. Ao se pensar nessas produções estruturais da própria condução da desigualdade, tem-se que elas

apontam para a permanência de práticas violentas em prejuízo das populações negras, haja vista que cor da pele e classe social não se dissociam no país, informando maior vulnerabilidade e vitimização a grupos racialmente/sexualmente estigmatizados (Reis, 2020, p. 4).

De acordo com Carneiro (2011), a falta, no período pós-abolicionista, de apoio e de políticas públicas que auxiliassem pessoas negras intensificam, até os dias atuais, o profundo fosso da desigualdade. Nesse panorama, a trajetória histórica do pensamento social brasileiro desnuda diversas abordagens das relações raciais, desde o pessimismo em relação à miscigenação até perspectivas que minimizam a questão racial como um epifenômeno da desigualdade de classe. Entretanto, as novas concepções contemporâneas dão contornos às duas vertentes ideológicas em conflito na sociedade brasileira: o mito da democracia racial, que mascara as desigualdades, e a perspectiva da luta de classes, que obscurece a importância da racialidade na estrutura social.

Sob essa perspectiva, Gonzalez (2020), quando reflete acerca da formação econômica brasileira, ressalta que os processos de acumulação, sob a hegemonia do capital monopolista, podem ser justificados ao observar-se um evidente crescimento

da desigualdade em diversos momentos da história, de modo a alocar, nos campos do desemprego e do subemprego, “coincidentemente”, a população negra brasileira. Dessa forma, segundo Gonzalez,

[o] privilégio racial é uma característica marcante da sociedade brasileira, uma vez que o grupo branco é o verdadeiro beneficiário da exploração, especialmente da população negra. [...] O que existe no Brasil, efetivamente, é uma divisão racial do trabalho. Por conseguinte, não é por coincidência que a maioria quase absoluta da população negra brasileira faz parte da massa marginal crescente (Gonzalez, 2020, p. 46).

De fato, percebe-se, diante da construção histórica da nossa sociedade capitalista, que o mercado não é uma instituição natural, mas um resultado de diversos processos políticos e econômicos. Nesse sentido, para Almeida (2018), o racismo penetra profundamente nessas estruturas, manifestando-se tanto objetivamente, através de políticas econômicas discriminatórias, quanto subjetivamente, a partir da legitimação da desigualdade e da exploração de pessoas negras, ou seja, a hiperexploração do trabalho dentro do capitalismo, especialmente nas regiões periféricas, é exemplo do lamentável processo de normatização de condições trabalhistas precárias com remunerações baixíssimas.

Nesse íterim, Almeida (2018) reafirma que o racismo se caracteriza como uma manifestação sistemática de discriminação fundamentada na raça e evidenciada por práticas, tanto conscientes quanto inconscientes, que resultam em vantagens ou desvantagens para os indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem. Concomitantemente, é imprescindível observar que o pensamento neoliberal é uma potente máquina de validação dessas desigualdades.

Segundo Gentili (1999), originadas de estratégias políticas, econômicas e jurídicas, as ideias neoliberais, impulsionadas por uma acentuada força discursiva, moldam percepções e valores sociais, levando as massas a aceitá-las como as únicas soluções viáveis diante das crises econômicas estruturais. Nesse sentido, a política neoliberal e alguns de seus conceitos continuam servindo à garantia da manutenção de disparidades sociais.

Um dos conceitos apontados por Almeida (2018) e usados para exemplificar essa ação é o de meritocracia. Para o autor, numa sociedade marcada por conflitos de classe, raça e sexualidade, a meritocracia é usada para justificar a desigualdade racial como produto da falta de mérito individual. Mecanismos tais quais processos seletivos em universidades e concursos públicos reforçam essa visão, perpetuando a

associação entre competência e características privilegiadas, como branquitude e masculinidade. Consequentemente, no contexto brasileiro,

[a] negação do racismo e a ideologia da democracia racial sustentam-se pelo discurso da meritocracia. Se não há racismo, a culpa pela própria condição é das pessoas negras que, eventualmente, não fizeram tudo que estava a seu alcance. Em um país desigual como o Brasil, a meritocracia avaliza a desigualdade, a miséria e a violência, pois dificulta a tomada de posições políticas efetivas contra a discriminação racial, especialmente por parte do poder estatal. No contexto brasileiro, o discurso da meritocracia é altamente racista, uma vez que promove a conformação ideológica dos indivíduos à desigualdade racial (Almeida, 2018, p. 53).

Dessa forma, as violências promovidas pelo racismo encontram sustentáculo em um padrão de normalização das relações. Isto posto, a emersão dessa temática na contemporaneidade coopera com o surgimento de análises crítico-reflexivas acerca das violências que afetam indivíduos, não somente nas esferas política, econômica e social, mas, de maneira mais profunda e sutil, nas dimensões psíquicas.

Factualmente, as relações traumáticas provenientes do racismo emergem como um desafio inescapável, uma vez que o peso histórico da discriminação racial reverbera intensamente nas estruturas sociais, evidenciando a urgência de um enfoque mais cuidadoso dessas experiências.

De acordo com a autora Isildinha Nogueira, em sua obra *A Cor do Inconsciente* (2021), instrumento teórico de investigação dos processos de subjetivação de pessoas negras em contextos socioculturais, “o sujeito [...] se constitui enquanto estrutura de divisão tanto no campo do simbólico quanto no campo do imaginário” (Nogueira, 2021, p. 89) e, no que se refere às pessoas negras, estas são conduzidas à aceitação e à produção de outras subjetividades sobre suas vidas, partindo das imagens preconceituosas dos outros sobre seus corpos e suas experiências.

Assim, é preciso considerar que o indivíduo, desde tenra idade, cuja linha geracional carrega um entendimento de si transformado e subalternizado devido às condições históricas, receberá como herança também uma visão deturpada de si próprio. Pessoas marcadas pela colonização tendem a negar a si mesmas, por entenderem que suas raízes e sua cultura de origem são encaradas como algo negativo.

Dito isso, é indispensável observar que o sentimento de inferiorização e de não aceitação experimentado por uma pessoa negra emerge, em grande parte, da impossibilidade de alteração de si mesmo. A criança cresce sentindo em “sua pele”

as marcas da rejeição, então já evidentes na forma como os seus próprios pais são recepcionados nos ambientes. Tais reflexões se alinham aos pensamentos de Neusa Santos Souza de que

[o] irracional, o feio, o ruim, o sujo, o sensível, o superpotente e o exótico são as principais figuras representativas do mito negro. Cada uma delas se expressa através de falas características, portadoras de uma mensagem ideológica que busca afirmar a linearidade da “natureza negra” enquanto rejeita a contradição, a política e a história em suas múltiplas determinações. (Souza, 2021, p. 35).

Dessa forma, é preciso (re)visitar os espaços da representação simbólica negra, no sentido de ressaltar a importância de reflexões que denudem as estruturas que deram lastro a constituição da mirada social em relação ao “outro”.

3. A PSICANÁLISE FREUDIANA E WINNICOTTIANA

3.1 O mal-estar e o infamiliar em Freud

No âmago da sociedade civilizada, fica evidente que o mal-estar, decorrente das relações interpessoais, é fruto do espaço de embate/negociação entre os instintos sublimados nos recônditos de nossa psique — cuja satisfação nos conduziria ao gozo primitivo — e a necessidade de nos moldarmos de acordo com as normas sociais que vão sendo introjetadas em nosso superego — cujo cumprimento é arbitrário à nossa felicidade —, mediados pelo ego, para a nossa própria preservação. Logo, com a finalidade de sondar a inerente presença de uma complexa dinâmica entre amor e agressão, entre pulsões⁴ de vida e pulsões de morte, presente nas relações humanas, bem como a busca pela felicidade como um bem duradouro, recorrer-se-á à obra *O Mal-estar na civilização*, de Freud ([1930] 2010).

De acordo com Freud ([1930] 2010), o ser humano é constituído de uma ambivalência em que residem as pulsões de vida e as pulsões de morte. Além disso, “[...] o ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor, que no máximo pode se defender, quando atacado, mas sim que [...] deve incluir, entre seus dotes instintuais, também um forte quinhão de agressividade” (Freud, [1930] 2010, p. 49). Sendo assim, o próximo, exemplo que figura na mitologia cristã como alguém que deve ser amado, pode se constituir em um colaborador e um indivíduo com quem se estabelece um vínculo erótico ou, contrariamente, em uma via através da qual se possa escoar os instintos agressivos.

Para o psicanalista, as possibilidades de felicidade são restritas devido à construção psíquica e à condição de vida humana. A satisfação dos desejos instintivos supramencionados levaria o homem a sua própria destruição, por isso, a busca pela felicidade no homem civilizado estaria intimamente ligada à satisfação de necessidades profundamente reprimidas, uma vez que, se “a satisfação irrestrita de todas as necessidades se apresenta como a maneira mais tentadora de conduzir a vida”, também “significa pôr o gozo à frente da cautela, trazendo logo o seu próprio castigo” (Freud, [1930] 2010, p. 22).

⁴ Segundo Freud, o termo pulsão está relacionado aos desejos do inconsciente. Assim, de acordo com ele, “ao ler essas traduções, apenas precisarão fazer o pequeno esforço de substituir mentalmente ‘instinto’ por ‘pulsão’” (Freud, [1930] 2010, p. 7).

Dessa forma, segundo Freud ([1930] 2010), as pessoas têm suas possibilidades de felicidade restringidas por sua própria constituição, de modo que é bem menos incomum que vivenciem a infelicidade. Tal experiência pode abatê-las por três motivos: o declínio inexorável do próprio corpo, a ação do mundo externo e as relações com as outras pessoas. Este último sendo, para Freud ([1930] 2010, p. 21), aquele sentido de maneira “mais dolorosa[...] que qualquer outro; tendemos a considerá-lo um acréscimo um tanto supérfluo, ainda que possa ser tão fatidicamente inevitável quanto o sofrimento de outra origem”.

A esse respeito, os esforços empregados na manutenção e no fortalecimento dos laços sociais — que concedem bases para a vida em comunidade — e a promoção da cooperação entre as pessoas são fundamentais para a sobrevivência humana de modo pacífico e harmonioso. Entretanto, nem sempre essas ações são suficientes para garantir a coesão social, pois as paixões movidas por instintos são, frequentemente, mais fortes que os interesses ditados pela lógica da racionalidade.

De acordo com Freud, deve-se ainda considerar a existência de uma propensão para a agressividade, que, quando sentida em nós mesmos, leva-nos a pressupô-la presente nas outras pessoas, algo que é causa de certa angústia diante das interações. Esse sentimento de angústia vai ao encontro do conceito presente na obra *O infamiliar*, “que diz respeito ao aterrorizante, ao que suscita angústia e horror”. Para além disso, porém, espera-se que “exista um determinado núcleo, que justifique a utilização de uma palavra-conceito específica [...] que permita diferenciar, no interior do angustiante, algo ‘infamiliar’” (Freud, [1919] 2019, p. 48)

Por conseguinte, quando um indivíduo se encontra com a agressividade, com a violência do outro, é tomado por um incômodo sentimento de estranheza familiar que sinaliza para o próprio instinto de agressão. Nesse ponto, destaca-se o sentimento “infamiliar”, pois, para o ser humano, o desconforto provocado pelo reconhecimento inconsciente dos impulsos agressivos é um evento desagradável. Assim, a agressividade, aqui observada de acordo com a lógica do infamiliar, seria tudo o que deveria permanecer em segredo, oculto, mas que veio à tona.

O instinto de agressividade não é externo à nossa própria natureza; pelo contrário, como o infamiliar, trata-se de algo “íntimo à vida anímica desde muito tempo e que foi afastado pelo processo de recalcamiento” (FREUD, [1919] 2019, p. 65), contra o qual nos força a sociedade na tentativa de se civilizar, uma vez que lhe é indispensável organizar recursos e estratégias para regular a hostilidade primária, que

representa uma ameaça à sua integridade, a fim de manter a ordem social e a convivência pacífica entre as pessoas.

De acordo com Freud ([1919] 2019, p. 50), “a civilização tem de recorrer a tudo para pôr limites aos instintos agressivos do homem, para manter em xeque suas manifestações, através de formações psíquicas reativas”. Como exemplos dessas estratégias, é possível citar o estabelecimento de leis, normas sociais, instituições educacionais e de socialização, instituições de justiça e segurança, entre outros. Em vista disso,

se a cultura impõe tais sacrifícios não apenas à sexualidade, mas também ao pendor agressivo do homem, compreendemos melhor por que para ele é difícil ser feliz nela. De fato, o homem primitivo estava em situação melhor, pois não conhecia restrições ao instinto. Em compensação, era mínima a segurança de desfrutar essa felicidade por muito tempo. O homem civilizado trocou um tanto de felicidade por um tanto de segurança. (Freud, [1919] 2019, p. 52).

Dessa forma, para mitigar os impactos desse sofrimento, os seres humanos converteram o princípio do prazer em princípio da realidade — aspecto interno do funcionamento psíquico que nos permite lidar com as demandas e restrições do mundo externo —, a fim de equilibrar os instintos, provenientes do Id, e as exigências do Supereu, geradas pela internalização das normas sociais vigentes.

Vale salientar que a complexidade da adaptação humana ao princípio da realidade é evidenciada por Freud ([1930] 2010), que interpreta os sentimentos de mal-estar em indivíduos neuróticos como manifestações de uma culpa inconsciente diante da repressão dos instintos, sejam eles de natureza agressiva ou libidinal. Esse processo de introjeção das normas e valores sociais pode gerar conflitos psíquicos que se manifestam de maneira sintomática e culposa, interferindo no equilíbrio emocional e no bem-estar do sujeito.

Assim, o entrelaçamento entre a atividade do princípio de realidade, que busca a adaptação do ego às exigências externas, e o sentimento de culpa, que surge da internalização de normas e da repressão dos impulsos instintuais, torna-se fundamental para o entendimento da dinâmica processual dos mecanismos de defesa presentes no funcionamento psíquico. Portanto, segundo o pesquisador,

[a] agressividade é introjetada, internalizada, mas é propriamente mandada de volta para o lugar de onde veio, ou seja, é dirigida contra o próprio Eu. Lá é acolhida por uma parte do Eu que se contrapõe ao resto como Super-eu, e que, como “consciência”,** dispõe-se a exercer contra o Eu a mesma severa

agressividade que o Eu gostaria de satisfazer em outros indivíduos. À tensão entre o rigoroso Super-eu e o Eu a ele submetido chamamos consciência de culpa; ela se manifesta como necessidade de punição. A civilização controla então o perigoso prazer em agredir que tem o indivíduo, ao enfraquecê-lo, desarmá-lo e fazer com que seja vigiado por uma instância no seu interior, como por uma guarnição numa cidade conquistada. (Freud, [1930] 2010, p. 59).

Por esse ângulo, se um indivíduo tem pensamentos agressivos em relação a um colega de trabalho com quem estabeleceu uma relação de competitividade, esses sentimentos podem gerar desconforto e angústia. Esses, por conseguinte, levam-no a internalizar tais pensamentos agressivos e fazem-no tanto sentir-se culpado por isso quanto, possivelmente, punir-se internamente em razão dos instintos agressivos.

Alinhado ao conceito do mal-estar freudiano, o filósofo Stuart Hall (2006), em sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, reflete sobre a crescente descontinuidade das fronteiras identitárias propiciada pelo encontro entre diferentes culturas, provocando uma contestação acerca do fechamento, perpetrado por algumas civilizações, em relação às pressões da diferença, da alteridade e da diversidade cultural. Segundo Hall (2006), esse processo se vê marcado por sensações de desconforto e de mal-estar. A tradição, quando se encontra abalada pelas colisões entre diferentes costumes e valores, precisa reajustar-se na busca por uma nova interpretação de si mesma.

O filósofo ainda acrescenta que, em decorrência da rigidez defensiva provocada pela forma como se deram os encontros entre algumas civilizações, um dos processos que pode ocorrer é o do fortalecimento das identidades originais. Quando esse movimento se origina em grupos dominantes, é evidenciada, frequentemente, uma busca pela reconstrução da nação a partir da filtragem das ameaças possíveis. Tendo por base o que Hall (2006) classifica como “racismo cultural”, esses contingentes objetivam alcançar uma identidade nacional unificada e pensada a partir deles próprios; em resposta a essa experiência de exclusão, grupos minoritários tendem a empreender esforços na re-identificação com as culturas de origem.

Percebemos que, no tocante ao mal-estar, suas reverberações encontram-se presentes em toda e qualquer interação humana. Nossos desejos estão sempre se sobrepondo aos desejos de outras pessoas com as quais estabelecemos alguma relação. Essas dinâmicas podem ser percebidas dentro de nossa individualidade ou, até mesmo, quando, em Eros, nos identificamos com outros indivíduos com quem

compactuamos uma certa hostilidade, pois, segundo Freud ([1930] 2010, p. 80-81) “sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade”. Dito isso, cabe-nos perceber a maneira como o mal-estar afeta o nosso inconsciente coletivo e contribui para o “desastre da convivência” variar significativamente, a depender de vários fatores, tais quais cultura, contexto histórico e dinâmicas sociais específicas.

3.2 Deprivação e Delinquência em Winnicott

Donald Woods Winnicott (1896-1971), psicanalista e pediatra inglês, através de estudos realizados no período de sua nomeação como psiquiatra condutor do Plano de Evacuação Governamental numa área de recepção da Inglaterra e tendo como objeto de análise o comportamento de crianças que manifestavam comportamentos disruptivos, destacou a importância do ambiente⁵ no desenvolvimento dos indivíduos. Segundo a sua teoria, um ambiente “suficientemente bom”⁶ é imprescindível para que o desenvolvimento do ser humano ocorra de maneira satisfatória nos estágios iniciais da vida (Winnicott, 1988, p. 150).

Nesse sentido, para uma boa compreensão da teoria winnicottiana, é necessário esclarecer que o termo “suficientemente” não designa um ambiente de desenvolvimento infalível, mas se refere ao ambiente seguro que, estando em constante processo de reorganização, oferece ao bebê o suporte necessário para que se desenvolva. A falha ocorre quando o ambiente não atende de maneira ideal, ou consciente, todos os desejos da criança e é bem-vinda, desde que passível de ser suportada. Segundo Winnicott (2023), quando não exageradamente acentuadas, as falhas permitem, à criança, exercitar capacidades indispensáveis na lida com situações adversas, tais quais: o controle da ansiedade, o senso de realidade, a sublimação da frustração etc.; e fazer as primeiras considerações sensíveis em relação à existência do outro.

Contrariamente, quando a falha destitui a criança de algum aspecto essencial da vida, é gerada uma condição denominada de “complexo de privação”, a qual é marcada pela manifestação de comportamentos antissociais dentro do lar ou em

⁵ De acordo com o Instituto Brasileiro Winnicottiano - IBPW (2009, s/p), inicialmente, esse ambiente é a mãe – ou alguém que exerça a função materna –, apoiada especialmente pelo pai.

espaços mais amplos (Winnicott, 2023). Os atos antissociais — roubos, mentiras, destrutividade, entre outros — se realizam de modo a inquietar o ambiente para que “ele”, através da figura dos responsáveis, perceba o ocorrido e seja compelido a estabelecer uma nova dinâmica de manejo das necessidades da criança, assim se reorganizando para acolhê-la uma vez mais e restituir, com ela, o laço de confiança que fora rompido.

Há, para Winnicott (2023), duas vertentes que podem ser definidas a partir da observação dos comportamentos antissociais: a primeira, cuja representação se encontra no ato de roubar, diz respeito à busca da criança por determinado aspecto ou estímulo no ambiente de desenvolvimento, busca essa que, fracassando, é deslocada para outros espaços e circunstâncias; a segunda, por sua vez, está relacionada à busca da criança por estabilidade, por um ambiente que, sendo suficientemente bom, acolha o seu comportamento impulsivo e desgastante. Esta última, portanto, se refere à procura por uma provisão ambiental então perdida e que deve ser recuperada por meio de uma disposição humana que inspire confiança para a criança e lhe proporcione a liberdade de ação e expressão. Nesse contexto, é a mãe que, como o ente mais próximo das crianças e sendo suficientemente boa, reconhece as deprivações sofridas por elas e está disposta a atender as suas reivindicações, funcionando, dessa forma, como terapeuta⁷ dos próprios filhos (Winnicott, 2023, p. 160).

Assim sendo, as tendências antissociais são distúrbios maturacionais da criança, os quais podem, todavia, não se concretizar, pois sofrem influência da maneira de intervenção escolhida pela família ao perceber a falha produzida. Caso o ambiente se reorganize para reaver o que foi perdido, antes que as defesas da criança se tornem rígidas, ela passará a demonstrar esperança, esta percebida na manifestação de comportamentos antissociais. É possível, portanto, que a criança volte a sentir segurança e confiança no ambiente, desde que haja interferência positiva dos responsáveis antes de os atos antissociais se transformarem em delinquência. Sendo a conduta antissocial um ato de esperança, reconhecê-la e confrontá-la com tolerância e compreensão é essencial para tratar a busca pela provisão ambiental perdida (Winnicott, 2023).

⁷ “Geralmente as mães conseguem responder às exigências compulsivas do bebê, realizando assim uma terapia bem sucedida do complexo de deprivação, o qual se encontra próximo ao seu ponto de origem” (Winnicott, 2023, p. 166).

Entretanto, nem sempre as mães reconhecem, nas manifestações antissociais, a oportunidade para o acolhimento (Winnicott, 2023, p. 161). Frequentemente, ao manifestar comportamentos antissociais, a criança ou adolescente pode ser erroneamente tido como um indivíduo desajustado ou fora de controle, como um delinquente. Na realidade, segundo Winnicott (2023), não raros são os casos em que tais comportamentos são desprezados ou menosprezados por observadores intolerantes; disso, a imprescindibilidade de compreender o ato antissocial como uma expressão de esperança, a fim de tratar de crianças que o apresentam.

Entendendo que, quando não há reparação das falhas, o estágio subsequente ao das tendências antissociais é o da delinquência, torna-se crucial discutir os aspectos ligados a ela no âmbito da psique infantil e juvenil. No ensaio *Alguns aspectos psicológicos da delinquência juvenil*, Winnicott ([1946] 2023) já delineava alguns elementos da vida da criança que contribuem para o surgimento dos problemas do delinquente, estabelecendo uma relação estreita entre a delinquência juvenil e diversos aspectos da vida familiar, entre eles as situações de privação.

Nos seus estudos, Winnicott ressaltou a importância de observarem-se as manifestações antissociais, os primeiros indícios perceptíveis da privação, como um pedido de ajuda feito pela criança ou adolescente. Aos mais próximos, tal movimento torna propícia uma perspectiva mais positiva sobre essas tensões, enfraquecendo o entendimento da privação como algo puramente patológico. Sob essa nova ótica, cria-se um espaço em que, mediante manejo adequado, é possível minimizar ou, até mesmo, reparar danos cujas reverberações seriam potencialmente prejudiciais à sociedade. Por outro lado, as tendências antissociais não podem ser consideradas um diagnóstico, uma vez que são encontradas em crianças com diferentes estruturas psíquicas (Winnicott, 2023, p. 160).

Desse modo, ao observar que a produção de qualquer ato criminoso gera um sentimento de vingança pública, Winnicott (2023) destaca a importância das leis implementadas nesse contexto, pois estas auxiliam o magistrado na facilitação da expressão desse sentimento público, enquanto garantem um tratamento humanizado ao infrator. Nesse sentido, apesar de o ato criminoso não ser visto somente como uma manifestação dos impulsos inconscientes do indivíduo que o comete, Winnicott (2023), reconhecendo a influência do inconsciente, esclarece o elo existente entre as manifestações de delinquência e as situações de privação familiar, considerando

que todo delinquente é, primeiramente, alguém cuja infância ou juventude foi marcada pela falha ambiental depravadora de algum aspecto essencial da vida.

Por conseguinte, é possível verificar que Winnicott (2023) compreendia o surgimento dos bebês como o ponto de virada para a assunção de novas e cruciais responsabilidades pelos cuidadores, entre elas a maternagem e a imposição das primeiras interdições. Ocorre que os responsáveis por crianças devem estar atentos às individualidades de cada uma delas, bem como aos problemas pessoais, especialmente na medida em que tais aspectos impactam a sociedade em sua menor unidade, ou seja, a família.

Geralmente, é notável que, quando se sentem seguras em relação aos seus pais, as crianças buscam se impor (Winnicott, 2023) e, para tanto, recorrem a diversas manobras dentro do ambiente doméstico, tais quais: o desgaste, a manipulação, a apreensão, entre outros. Essas ações, durante as fases da infância e da primeira infância, têm paralelos em comportamentos de indivíduos considerados perigosos para a sociedade e que, portanto, estão excluídos da convivência social.

Os atos de agressão das crianças encontram descrição, também, no artigo *A agressividade e suas raízes*, em que Winnicott ([1939/1964] 2023) apresenta a agressividade como um sentimento frequentemente ligado ao medo e presente tanto no amor quanto no ódio. Logo, trata-se de uma ação complexa passível de ser disfarçada, desviada e, às vezes, atribuída a fatores externos, cuja origem é de difícil compreensão. Para Winnicott (2023), a agressividade primária fez perceber que os movimentos de excitação e exasperação não implicariam, necessariamente, a intenção de dano ao outro, pois a criança tende a agredir, na realidade, aqueles por quem nutre um maior nível de afeto. Portanto, a agressividade estaria ligada à força natural da criança na manifestação de seu impulso de viver, primariamente, em uma avidez, voracidade.

Se o lar conseguir tolerar a desorganização perpetrada pela criança, ela se sentirá livre para experienciar e representar o mundo em seu brincar, agindo de maneira mais espontânea, menos responsável. Ocorre que os estágios iniciais do desenvolvimento emocional de uma criança são repletos de rupturas e conflitos, pois se inserem em um momento no qual a relação desta com a realidade externa não está ainda enraizada e a personalidade não se integrou totalmente ao entorno. Bastante ligada ao sentimento de amor primitivo, a criança apenas passará a manejar, gradativamente, as suas pulsões instintivas quando for confrontada com um lar

suficientemente bom, uma vez que este é necessário para garantir-lhe a tranquilidade imprescindível na lida com os pensamentos, fantasias e a imaginação que pavimentarão o caminho para a sua maturação.

Quando o núcleo familiar lhe falta, a criança, apercebida da falta, tende a ruir, a sentir-se instável e ansiosa, passando a buscar pela estabilidade em “espaços” externos — como a família secundária, os amigos e a escola —, a fim de que não enlouqueça. Ao encontrá-la, utiliza-a como nutriente para o seu crescimento e galga um processo de passagem da necessidade absoluta para a dependência e, desta última, para o estado de independência (Winnicott, 2023).

A criança antissocial observa além e busca, na sociedade, a estabilidade que lhe foi negada e que lhe possibilitaria transpor os estágios iniciais do desenvolvimento rumo à independência. Winnicott (2023) explica que a criança que rouba um objeto da própria casa, tenta, na realidade, recuperar o amor da mãe, amor este idealizado por ela mesma ao criar a mãe a partir das suas próprias capacidades emocionais. Quando rouba fora de casa, esta criança busca também a mãe, porém com maiores sentimentos de angústia e frustração. Procura, na mesma medida, por um pai que castre seus atos de delinquência, que tenha amor, mas seja severo e forte para além dele. Colocar-se em encrencas é a única opção possível, pois, caso não o faça, será ainda mais inibida do amor, do qual já se encontra inibida em certo grau, não cultivando capacidades para relacionar-se com o mundo externo — e fazê-lo positivamente —, somente com a realidade da violência.

O psicanalista inglês considerava que, quando a criança delinquente produz atos antissociais, ela o faz porque sua esperança subsiste, e estes lhe servem como uma espécie de clamor para que alguém reivindique o controle da situação e lhe inspire bem-estar e segurança novamente. Quando recebe este tipo de suporte já desde o núcleo familiar, a criança desenvolve um ambiente psíquico interno, uma aptidão para regular a si mesma, logicamente derivada do controle previamente exercido pelos responsáveis. Por sua vez, a criança antissocial necessita, sem dúvidas, de um controle externo para ter a oportunidade de ser feliz, de brincar e de construir a sua percepção da realidade.

Caso a criança sofra de privação e o ambiente venha a reconhecer imediatamente a dívida, bem como ressarcir-la com cuidados especiais, a possibilidade de reparação do dano é alta. Contrariamente, se ele permanece alheio à própria falha — e esta é substancial —, a criança, gradativamente, desenvolverá

uma delinquência que, potencializada por ganhos secundários, afastá-la-á progressivamente do trauma original, dificultando que ele seja reparado.

Frequentemente, em ambientes familiares ou em certos espaços sociais, os indivíduos são compelidos, desde a infância, a suprimir sua agressividade instintiva, esta que é saudável e cuja expressão é indispensável, a fim de que se ajustem aos padrões sociais de convivência. Contudo, esse movimento não é possível senão por tempo limitado, de modo que, após dado período, tal agressividade se liberta das amarras que lhe foram impostas e o faz na forma de violência externalizada.

Se, por um lado, a manifestação da agressividade gera um mal-estar naqueles que a presenciam, devido ao confronto com os impulsos de vida do outro; de igual maneira, é ela necessária para que a criança possa ser lapidada, ou seja, conformada de tal modo às regras do convívio em sociedade que seus instintos agressivos não se convertam em violência.

4. DEPRIVAÇÃO E DELINQUÊNCIA NA NARRATIVA RINALDIANA

4.1 “Eu não quis te ferir”, de Rinaldo de Fernandes

A obra *Eu não quis te ferir*, de 2022, é o décimo nono livro de Rinaldo de Fernandes e encerra uma trilogia temática — denominada, por Pontes e Trajano (2024), de “Vidas Magoadas” — iniciada com títulos anteriores do autor: *Rita no Pomar* (2008) e *Romeu na estrada* (2014).

O livro retrata a história de Rosa, uma empregada doméstica que, desde a infância, trabalha em condições análogas à escravidão, e seus dois filhos: Ismael, o mais velho e um ex-presidiário reformado com pretensões de tornar-se pastor, e Jonas, o mais novo, aluno aplicado e destacadamente habilidoso na escrita, o qual, no entanto, sofre com o bullying impiedoso dos colegas de escola.

Apesar desta tríade ocupar sempre a centralidade da narrativa, é, na realidade, Ismael o protagonista da trama, de modo que todas as ações das outras personagens se lançam sobre ele como uma correnteza inescapável, gerando respostas nem sempre éticas. Esta incerteza da índole dos atores do texto, mantida a partir de um mistério reconstruído pouco a pouco a cada capítulo, é característica basilar do minucioso trabalho de Fernandes com a figura dos pobres diabos, anti-heróis, pessoas marginalizadas vividas de toda sorte de traumas e violências.

Dividido em três partes (*Ismael, Rosa e Jonas*, e *O jambeiro*), o romance enfoca, em cada uma delas, trajetórias distintas: na primeira, a primazia é do violento e desamparado deslocamento de Ismael pela cidade, enquanto resiste à fome e se esquia da polícia; a segunda se concentra nas vivências cotidianas de Rosa e Jonas, marcadas pelo racismo, pelo bullying, pela miséria (financeira e emocional) e pelo descaso; já na terceira, a tríade familiar é catastroficamente reunida em situações que colocam em xeque o valor dos laços familiares.

É seguido um fluxo narrativo pós-estruturalista e, portanto, não-linear, a partir da apresentação de cenas sem cronologia definida, muitas vezes pouco conectadas umas com as outras, e cuja sequência deve ser reorganizada pelo próprio leitor; além disso, a combinação de diferentes gêneros discursivos e o largo aproveitamento do nível diagramático se mesclam para a construção da atmosfera de proximidade e iminência na obra.

Nesse contexto, segundo o que se é possível reconstituir, Ismael é fruto de um estupro sofrido por Rosa e cometido por Ravi, o patrão desta. Nascido sem pai reconhecido, Ismael logo encontra em Ravi uma figura paterna que substitua seu genitor, mas não demora para que seja cerceado por Úrsula, a esposa do patrão, pouco simpatizante de sua presença na casa. Pouco a pouco envenenado, Ismael vai embora da casa dos patrões da mãe, logo sendo preso por um assalto que supostamente havia cometido.

Com a intervenção de Rosa e Ravi, Ismael é libertado após alguns dias na prisão e volta reformado, com pretensões de se tornar pastor. Novamente, recebe asilo na casa dos patrões da mãe e, dessa vez, um emprego, por certo tempo. Carrega sempre uma bíblia debaixo do braço e, sempre que há tempo livre, debruça-se para lê-la. Entretanto, nem isso aplaca a antipatia de Úrsula, que logo consegue fazê-lo ir embora outra vez.

Sem muitas oportunidades de trabalho, devido ao seu histórico criminal, Ismael passa a ser frentista em um posto de gasolina e aluga um casebre miserável, onde vive até ser casualmente demitido pelo gerente do posto. Posteriormente, ele consegue alcançar alguma estabilidade e até inicia um namoro; contudo, mesmo isso não dura.

Paralelamente, Jonas vive quase que em completo isolamento: alvo do bullying dos colegas de sala, do racismo dos professores e da negligência e crítica ferrenha da mãe, ele busca nas palavras alguma espécie de salvação. Todavia, conforme é progressivamente mais vitimizado, nem a porta de escape provida pela escrita é suficiente para passarem todas as suas frustrações e ele, por meio de enforcamento, assassina o colega de classe que mais o agredia.

Ao descobrir o crime do filho, Rosa o aborda e, incisiva, ameaça entregá-lo para a polícia. Contudo, antes que ela possa fazê-lo, Jonas também a mata e planeja fugir. A cena sequer chega a se desmontar, pois Ismael chega para visitar a mãe e se depara com a tragédia. Em um ataque de fúria, ele avança sobre o irmão brutalmente e o afoga na poça do sangue de Rosa.

Então definitivamente sozinho e desolado, Ismael esconde os cadáveres debaixo do jambeiro no quintal e parte sem rumo, escondendo-se em casas abandonadas, roubando uma égua que encontra pelo caminho e, principalmente, esgueirando-se para longe da polícia, que pensa estar à sua procura. Seus deslocamentos não se dão sem percalços: Ismael recebe olhares tortos por anda

passa, é violentamente agredido por alunos de uma escola e é humilhado quando suplica por ajuda.

Sob a fome de dias e a frustração de uma vida, Ismael assassina um homem que lhe negou ajuda; no entanto, não o faz sem culpa. Ele é corroído de dentro para fora, alucina, discute consigo mesmo, discute com a égua. Termina jogado em uma calçada, sem forças e sem tato para sequer clamar por ajuda. Chega à conclusão de que é fraco e covarde, como se a covardia fosse do terreno da fraqueza ou como se a fraqueza, ela própria, fosse consequência de sua covardia. Percebeu-se, enfim, tão desamparado quanto sempre esteve.

4.2 A trajetória de Ismael sob a ótica psicanalítica

Submetendo-se às persuasões de Sara, Abraão, rendido aos desejos, penetra o corpo de uma das servas de sua esposa, Agar, e, em meio aos versículos sagrados do Livro de Gênesis, a violação gerou Ismael, uma criatura cujos primeiros instantes exalavam o perfume da promessa celestial. A descendência primogênita, a qual Abraão devotou os ensinamentos das tradições embebidas do culto a um Deus todo-poderoso, emergiu como Éden em meio à aridez de sua existência, dos longos anos de sua vida.

Entretanto, com a vinda daquele que seria o verdadeiro filho do pacto sagrado, Isaque, filho de Sara, o *Antigo Testamento* revogou a herança de Ismael, destituindo-o abruptamente das condições do caloroso acolhimento de um lar suficientemente bom. Preterido, Ismael foi relegado da presença do Pai, da lei e de tudo quanto, em tempos idos, constituía as bases de seu próprio eu, percebendo-se, portanto, despojado daqueles que acreditava serem os elementos que o integravam ao mundo. Análogo ao drama bíblico, o Ismael da narrativa de Fernandes (2022), que antes habitava a casa de Úrsula e Ravi, juntamente com sua mãe, viu-se desamparado, banido para um deserto social onde a compreensão e a tolerância eram escassas. Assim, num momento de distração, Ismael bateu a mão na perna – tinha perdido a sua “Bíblia”.

As frágeis linhas narrativas, por meio das quais se constroem as histórias do Ismael da mitologia cristã e o Ismael do romance de Fernandes, deslizam para um encontro e se confundem em seus cenários de privação, substanciados pelas esteiras da negação paterna e da profunda subordinação de suas mães. A Bíblia

conta que, quando o Rei da criação escutou a voz do menino Ismael vagando no deserto, surgiu para Agar, salvando ambos da ruína, mãe e filho; a paternidade do Deus Todo Poderoso prometeu fazer, do filho bastardo de Abraão, uma grande nação.

Não obstante, quanto ao personagem rinaldiano, Ismael de Jesus, este atingiu o abismo de sua própria existência, enfrentando a decadência material, familiar e emocional, perpetrando atos delinquentes em uma odisseia pela reparação dos direitos que lhe foram negados, tentando reaver o objeto da perda original. O filho de Rosa, desde o nascimento, fora destituído da tutela paterna de seu genitor. Por conseguinte, quando jovem, viu-se lançado a um futuro incerto. Não à toa, a obra rinaldiana tem início a partir da fala do próprio Ismael, “Eu não possuo nada.”, sintetizando em apenas uma frase o presente na narrativa, o estado da completa (de)privação do personagem.

Rumo ao escrutínio da vida de Ismael, uma abordagem favorável à compreensão do complexo de deprivação configurado na vivência do personagem consiste em examinar os trechos que precedem seu nascimento. As marcas (in)visíveis das privações e das violências sofridas por Rosa, sua mãe, parecem ter impactado o desenvolvimento de Ismael, pois esses traumas estão incrustados nos contornos da sua subjetividade, interferindo na sua formação desde criança. Segundo Winnicott (2023), a mãe, sendo a figura mais próxima à criança nos primeiros instantes, poderia identificar melhor as constantes falhas que estariam afetando seu progresso, entretanto, “dada sua condição como vítima de um contexto social permeado pelas injunções traumáticas do racismo, do qual ela não poderia escapar, torna-se difícil reconhecer o âmago dos processos de objetificação e reificação aos quais ela própria estava condenada” (Trajano, Rodrigues e Silva, 2023, p. 60).

Visto que a narrativa não segue uma linha cronológica, apenas na segunda parte do romance, compreendemos o contexto que desenha os primeiros contornos da escassez que resultou na gênese das vicissitudes de Ismael. Rosa, o primeiro ambiente que acolhe o personagem central, é privada pela própria narrativa da obra, que oculta referências sobre a origem da personagem, as quais, no entanto, subentende-se, também possuírem indícios de desamparo ambiental. Segundo Isildinha Batista (2021, p. 163) a “ideia de família, para a criança negra, é vaga; os negros, em função da condição de escravizados, não construíram a noção de pertencer a uma linhagem”.

Embora ambientado na contemporaneidade, a narrativa mostra que Ismael, assim, nasce de um contexto de ocultamento de raízes, uma vez que Rosa, semelhante a Agar, emerge na narrativa inscrita em um vazio, e é tomada para servir em regime análogo ao jugo escravista. Sob essa perspectiva, com a infância aniquilada, Rosa revela um comportamento repleto de incerteza, insegurança e carência, corroborando o pensamento de Winnicott (1971/1975, p. 89) de que é “no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral”. Nesse ínterim, a mãe de Ismael parece reagir às figuras dos patrões, Úrsula e Ravi, com uma tentativa simbólica de um vínculo objetal, que ainda desenhasse para ela um tardio ambiente suficientemente bom.

Com o passar do tempo, Rosa, uma mulher negra que desde cedo é marcada pela privação de direitos essenciais durante sua infância, tem seu corpo, território da carne, colonizado e penetrado sorrateiramente por Ravi. A “mucama permitida”⁸, em condição de extrema vulnerabilidade, era percebida como uma efêmera fonte de contentamento dos desejos de seu patrão. Ismael é concebido em instantes de violação do corpo submisso de Rosa, durante “encontros furtivos” no quartinho dos fundos, ambiente análogo às antigas senzalas. A criança, desde os primeiros instantes de sua vida, foi privada de uma relação paterna efetiva. Rosa, receosa pela condição em que se encontrava, ocultou de Úrsula a gravidez e, mais tarde, depois de seu período de férias, desapareceu para dar à luz ao menino, retornando com o segredo “sob as asas do ato da adoção”.

Um dos pontos importantes percebidos no romance, trata-se da ideia, da crença em um certo Deus servindo como um amparo transcendental e acolhedor, de forma a compensar a falta da figura paterna nessa provisão das necessidades essenciais. Segundo Loparic (2014, p. 83), a ideia de Deus seria análoga ao papel do pai real, ou seja, de cuidar do “pequeno EU SOU e da sua própria individualidade e, em seguida, autorizar e apoiar as agressões e, terceiro, para punir as agressões não permitidas” (Loparic, 2014, p.83). Nesse escopo, portanto, a figura do Pai Celestial se apresentaria como substituto para o papel daquele que deveria ser o protetor real, cuja presença física se faz ausente.

⁸ O termo “mucama permitida” aparece no texto *Racismo e Sexismo na cultura brasileira* (1984, p. 85), de Lélia Gonzalez, em que a autora discute as bases que retroalimentam a relações de poder relacionadas à raça e ao gênero.

Desse modo, Rosa, destituída do amor materno e de uma figura paterna, amparada pela religião, transmite a linhagem cristã por meio do rito simbólico do batismo. Esse confere ao menino o sobrenome como elo de pertencimento, “Ismael de Jesus”. O amparo arquetípico desse pai, gestado primeiramente na pia batismal, mais tarde toma forma na representação da palavra, da lei, a Bíblia. Ismael, durante muitos trechos da narrativa aparece de posse do Livro Sagrado, que foi entregue pelas mãos de um colega de cárcere, um pastor. Conforme o trecho que revela o pensamento de Ismael, “[...] eu via o pastor me estendendo a Bíblia, me passando os livros que chegavam, foram inúmeras as minhas leituras, isso, irmão!, o pastor me incentivava, eu voltava a escutar a voz alterada” (Fernandes, 2022, p. 25), revelando profunda culpa diante da ação perpetrada e que não obedeceu aos preceitos contidos na palavra do Pai Todo Poderoso.

Ao evocar o instante em que recebeu a Bíblia, percebe-se em Ismael uma profunda angústia, como se a presença do texto sagrado entrasse em confronto direto com os ecos da sua transgressão, instaurando, em sua psique, uma sentença por meio de suas memórias. A Palavra do Pai, personificando os valores e as normas éticas introjetadas no Superego, surge como uma voz acusatória, iniciando um conflito entre os impulsos instintuais de Ismael e as prescrições morais provenientes do processo civilizatório.

Simbolicamente, a obra nos apresenta uma adoção paterna representada na figura do Deus cristão, como forma de conceder ao menino os cuidados e o amparo de um Pai divino, por intermédio do batismo, bem como uma identificação importante com os princípios dessa imago paterna. A situação remonta os sentidos de uma prática colonial em que, de acordo com Da Silva (2005), o batismo era a forma por meio da qual a igreja católica transformava pagãos, pecadores, em cristãos. Além disso, a “comparação entre as privações da vida do escravo e os sofrimentos de Cristo era frequentemente utilizada como forma de consolá-los” (Da Silva, 2005, p. 30). Dito isso, pode-se inferir que a religião se apresentava como um recurso atrelado ao princípio da realidade, que, por meio dos mandamentos, estipulava as normas sociais basilares para que o ser humano não se degrade. Assim, Rosa conferia ao Ismael um pai-provedor de preceitos que foram introjetados em sua mente e que, de certa forma, conduziu a contenção de sua agressividade primária em algumas situações.

Tempos depois, na fazenda de Ravi, enquanto ainda era uma criança, Ismael aprendeu a laçar um bezerro amarelo, bem como a montar e, sem dúvidas, esses

momentos foram marcantes na sua vida. Segundo Freud ([1930] 2010), todas as experiências que produzem laços emocionais têm efeito contrário à guerra. Além do amor, os laços podem gerar um encontro de si mesmo na imagem do outro, de modo que, “tudo que estabelece importantes coisas em comum entre as pessoas produz esses sentimentos comuns, essas identificações. Nelas se baseia, em boa parte, o edifício da sociedade humana. (Freud, [1930] 2010, p. 247)”. Nesse sentido, a habilidade com o laço e a atividade de montar e cavalgar parecem estabelecer um forte vínculo entre Ravi e Ismael, de forma que tanto o laço quanto o ato de montar retomam à narrativa nos instantes de busca da relação primária com a figura paterna.

Anos transcorridos desde o nascimento de Ismael, Ravi teve um outro filho, desta vez com sua esposa. Os cuidados que Úrsula dedicava a Rodolfo faziam com que Ismael se sentisse ainda mais preterido. Segundo relato de Ismael, Úrsula retinha a sua comida, guardando-a do menino, guardando-a apenas para o filho: as bananas amassadas com geleia de mocotó eram um símbolo de intensificação da deprivação do jovem. Dessa maneira, o matrimônio dos patrões de Rosa sustentava-se por meio da dilaceração dos direitos aos laços paternos que Ismael poderia ter com seu pai. Entretanto, Úrsula, mesmo sem nunca tomar ciência da verdade, não poupava investidas contra o menino, potencializando o fenômeno das falhas ambientais que deprivavam Ismael da relação com seu pai, como é possível constatar na seguinte passagem:

Dona Úrsula me disse uma vez [...] que eu era guloso, que eu devia crescer para arrumar um emprego e sair de perto deles, que seu Ravi não me suportava mais — não suporta, ele já me disse, ela falou, o olhar enfezado. Eu fui para o banheiro e comecei a chorar. Seu Ravi não podia falar aquilo comigo, eu chorava mais, a cabeça na pia. Eu queria crescer rápido para ir embora, mandar dona Úrsula para o diabo, e nunca mais ver ela na minha vida. Eu detestava dona Úrsula, a cara vermelha dela, aqueles piscados! (Fernandes, 2022, p. 18).

A contínua rejeição de Úrsula e as palavras que desferiu contra a criança representaram uma ameaça aos aspectos essenciais na vida de Ismael, conforme orienta a teoria winnicottiana, o que desperta, nesse momento crítico, sinais de comportamento antissocial, resultante em um mal-estar além do suportável, que passa a ressurgir em momentos de opressão, rejeição e desequilíbrio. Além disso, Úrsula, que poderia ser entendida, da perspectiva da criança, como uma figura de acolhimento e afeto, uma vez que ela e a criança coabitavam, tornou-se uma

representante de rejeição, de ausência no espaço do lar que deveria proporcionar a confiança para que essa criança se desenvolvesse.

Nessa perspectiva, como filho de uma empregada negra, Ismael enfrentava não apenas o desafio da privação emocional. Sua circulação na casa de Úrsula era um ponto de ameaça à atenção que o seu marido poderia estar deslocando do núcleo familiar e devotando a um membro não pertencente a este núcleo. Além disso, o incômodo expunha as complexas interseções entre classes sociais, etnias e identidades na formação das subjetividades. Posterior a esse acontecimento, com a saída de Ismael da casa de Ravi e Ursula, conforme a sucessão cronológica dos eventos, a narrativa revela uma sequência de experiências violentas, decorrentes da vivência da privação. Ismael percebia que não era aceito na sociedade, sendo afligido por uma dimensão depreciativa e desumanizante que se estende para além do ambiente familiar, atingindo a comunidade, as instituições de poder e a sociedade em geral.

As circunstâncias de privação, descritas por Ismael, delineiam-se como recorrências representativas das experiências de privação fomentadas, em especial, por Úrsula. Ismael descreve que foi compelido a desocupar o apartamento que anteriormente havia alugado, uma vez que se viu incapaz de pagar suas mensalidades, logo após perder o emprego. Isso pois, passou um tempo acometido de uma pneumonia que o impossibilitou de saldar o primeiro pagamento da prestação de uma moto, acarretando, por conseguinte, em uma “dívida na praça”, que culminou em sua dispensa laboral, sob a alegação de infração às “normativas empresariais”. As regras e as incompreensões perpetradas contra o jovem convergem para a exacerbada acumulação de privações, as quais, por sua vez, reverberam em diversos aspectos de sua existência. Todavia, torna-se perceptível que Ismael nutre o desejo de revide, de responder aos seus impulsos, embora se veja continuamente contido pela internalização das normas de convivência social.

Em vista disso, não podemos deixar de mencionar que a cor e a classe social de Ismael são elementos discriminatórios, por isso percebemos a operacionalização de uma segregação real e direta na narrativa. Para Kilomba (2019, p. 167), a “necessidade de regular a distância física de pessoas negras e de definir as áreas que elas mesmas podem usar[...] revela uma dimensão muito importante do racismo cotidiano relacionados a fantasias de contágio racial”. Nesse contexto, a privação também é simbolizada por meio da negação do acesso aos espaços “brancos” que

Ismael tentava ocupar. O encontro das diferenças era marcado pelo sentimento de mal-estar freudiano, refletido na forma como Ismael narra a sensação experimentada ao adentrar um bar-boate aberto próximo ao posto em que ele trabalhava. Segundo ele,

Eu uma vez, já de folga, e meio arrependido por não ter ido para casa, a Bíblia ficara na prateleira do quarto, entrei no bar[...]. Os dois rapazes que me conheciam do posto ficaram, na outra ponta do balcão, me observando, rindo. Como se dizendo: olha, é o cara do posto. Fedelhos, eu não podia tomar um suco ali junto deles? [...]. Só eles podiam estar ali? (Fernandes, 2022, p. 15).

Nessa perspectiva, o que percebemos é uma clara estranheza, algo da ordem do infamiliar, que se sente quando entram em contato um grupo de jovens brancos de classe média e Ismael, ratificando um dos sentidos da união e amor das pessoas, segundo Freud, ante o aparecimento de um objeto odioso em comum. Além disso, segundo Maria Aparecida Silva Bento (2002), na sociedade brasileira, dada as raízes da conjuntura colonial, existe um compromisso na manutenção da estrutura racial, o “pacto narcísico da branquitude”, protegendo e premiando as classes dominantes e brancas ao mesmo tempo que abandona grupos periféricos marcados pelo racismo. Essa dinâmica reforça o distanciamento em relação ao outro, intensificando o impacto do mal-estar. A presença de Ismael no bar-boate amargava ainda mais essa sensação, tornando a existência de Ismael em algo perturbador.

A invisibilidade era o seu habitat lógico, onde um homem negro e pobre como ele deveria permanecer. Portanto, no episódio em que o quase médico, resguardando-se nas fronteiras de sua classe, não notava a presença de Ismael enquanto beijava sua namorada, fazendo-o esperar por horas com a maquineta de pagamento na mão, isso apenas acentuou a exclusão e o sentimento de deprivação. Essa condição de Ismael o desapossava não apenas de seus direitos mais básicos, mas também mina sua dignidade e autoestima, relegando-o a um estado de marginalização social e emocional.

Para além disso, na trama rinaldiana, esse “pacto da branquitude” fica evidenciado na ocasião em que, quando Ismael perambulava pelas ruas, algumas crianças, de uma escola próxima ao local pelo qual ele passava, lançaram-se contra ele ao avistarem-no na calçada. Enquanto um deles pulou o muro para bater em Ismael e na égua, os demais riam atrás do portão e incentivavam, com entusiasmo, a agressão. De acordo com Isildinha Batista (2021, p. 151), o “negro é afetado, ele

próprio, pelos estereótipos sociais que o territorializam negro na periferia da sociedade, na subcultura, na pobreza[...]. Desse modo, a construção de sua própria identidade, para o negro, é sempre atravessada pela frustração”. Sendo assim, quando pensamos em Ismael, devemos ter em mente, a interferência de uma construção simbólica em torno de sua imagem, as quais funcionam como força propulsora das falhas ambientais impostas que vão além do suportável e, em consequência, que o empurra para a margem, para as bordas da inexistência social, transformando Ismael em um ser despossuído e relegado à periferia da condição humana.

A naturalização da deprivação e da privação como características marcantes na vida de Ismael, faz com que suas necessidades também sejam invisibilizadas. Nega-se a necessidade de um lar suficientemente bom à criança, nega-se a necessidade das bases familiares adequadas para seu desenvolvimento e, além disso, regido pela mesma lógica cruel e perversa, nega-se o acolhimento da “família-sociedade”, da qual Ismael, sua mãe e seu irmão são apenas “herdeiros condenados”.

Para Winnicott (2023), os cuidadores — pelo autor considerados como o casal prototípico pai-mãe — têm papéis bem definidos e complementares, de modo que à mãe cabe a maternagem, o cuidado com as necessidades básicas da criança e o acolhimento emocional, e ao pai, a regulação da agressividade e o cuidado e acolhimento secundários nos momentos em que a figura materna está impedida de arcar com as suas responsabilidades. A falha no cumprimento de alguma dessas funções resulta em manifestações antissociais por parte da criança, a fim de recuperar aquilo que foi perdido; não sendo possível a correção da dívida, suas defesas se tornarão rígidas ao ponto de que ela recorra à delinquência.

Durante a narrativa, Ismael foi privado da ação primária do pai, apenas conquistando muito depois, através da figura do patrão da mãe. Entretanto, quando mesmo Ravi o desamparou, ele teve de recorrer a um pai divino, materializado por meio da bíblia e impassível de desampará-lo, desde que Ismael sempre carregasse consigo o elo que os unia.

Para além disso, Winnicott (2023) também considerava o processo por meio do qual a criança alcança a independência da mãe e, neste, a importância dos acolhimentos secundários, propiciados pelos objetos e indivíduos no mundo. Assim sendo, à medida em que percebe a si e à mãe como unidades distintas e, simultaneamente, é amparada por outras pessoas, a criança se torna

progressivamente capaz de reduzir as suas reivindicações afetivas em relação à mãe, isto é, ela passa a dispor de uma rede de entes e coisas que, de maneira distribuída, conseguem acomodar as suas necessidades. Contudo, quando a criança não é capaz de firmar os novos laços, imprescindíveis para a sua maturação, fica refém das próprias urgências em relação à mãe.

É precisamente este o enquadramento de Ismael: desamparado por uma sociedade que o despreza e sem quaisquer outras relações sólidas que não aquela com a mãe, fazendo com que se acentue a dependência em relação a ela. Igualmente, sem uma figura que exerça a função paterna, isto é, estabeleça limites para a sua agressividade, o confronto com a cena de Jonas assassinando Rosa lhe é decisivo na liberação de sua delinquência, pois naquele momento se instaura uma falha ambiental gravíssima e irreparável: a perda de sua única provisão de acolhimento de maneira permanente. Rosa estava morta, de modo que nenhuma manifestação antissocial poderia trazê-la de volta. Por esse motivo, a delinquência se revela já de imediato e com máxima severidade.

O sentimento de rejeição instalado na psique de Ismael, advindo da primeira figura paterna que o menino tinha, as experiências relacionadas à opressão e o sentimento de violenta rejeição social desencadeiam um processo pelo qual Ismael, volta-se à figura de seu devedor no sentido de invadir e tomar a força o que lhe era de direito. Dá-se o que Fanon (2022) considera a “invasão da cidade dos colonos”.

A violência que presidiu à constituição do mundo colonial, que ritmou incansavelmente a destruição das formas sociais indígenas, que demoliu sem restrições os sistemas de referências da economia, os modos de aparência, a roupa, será reivindicada e assumida pelo colonizado desde o momento em que, decidida a converter a história em ação, a massa colonizada penetra violentamente nas cidades proibidas. Provocar um estalido no mundo colonial será, no futuro, uma imagem de ação muito clara, compreensível e capaz de ser assumida por cada um dos indivíduos que constituem o povo colonizado. (Fanon, 2022, p. 37).

Segundo o pesquisador e filósofo político, a estrutura ideológica colonial só pode chegar ao fim se for destruída, uma vez que essa lógica nociva não permite espaços para sua extinção por meio de conciliação. Além disso, podemos compreender, através dos pressupostos winnicottianos, que a rejeição e o abandono emocional vivenciados pelo jovem, através da figura paterna (mesmo que ele não saiba da verdadeira relação) e, posteriormente, pelas instâncias sociais, podem gerar sentimentos de desamparo, desvalorização e ódio.

Nesse viés, para Winnicott, quando não há esforços dos pais para a retratação dos danos instaurados, duas situações podem ser desencadeadas: ou a pessoa seria dotado de “algo pessoal e estável quando ainda são suficientemente jovens para fazer uso disso em alguma medida, ou nos obrigarão mais tarde a fornecer-lhes estabilidade na forma do reformatório ou, como último recurso na cela de uma prisão” (Winnicott, 1995, p.125).

Diante da extrema escassez, Ismael rouba uma égua de um sítio e tenta transformá-la em um lar. Inconscientemente, ele se apropria de uma nova representação de amor materno e de um lar acolhedor, capazes de suportar suas agressões primárias e permitir seu desenvolvimento. Decidido a morar na égua, Ismael a monta, segurando firmemente a Bíblia embaixo do braço e, nessa conjuntura, simbolicamente, ele parece tentar se envolver de representações paternas e maternas que o fazem sentir-se mais seguro, no instante em que se percebe sem a sua mãe, Rosa, nem a figura que antes sustentava como protótipo paternal, Ravi.

Além disso, é preciso salientar que, nesse instante da narrativa, Jonas, seu irmão, já havia ceifado a vida da própria mãe, e Ismael, presenciando toda a cena, quando adentrou a cozinha da casa em que sua mãe estava, e se sentindo privado da única referência afetiva que o abraçou durante toda a vida, em resposta, em um ímpeto de fúria, encerra a vida do seu irmão, asfixiando-o na enorme poça do sangue de Rosa. Atormentado, Ismael oculta o corpo da mãe e do irmão e, nos instantes em que está montado em Beleza, a égua, e segurando a Bíblia, ele buscava se livrar da punição da representação de uma interdição maior, a figura da polícia. Ismael passou a se sentir perseguido pelas suas ações delinquentes: por não ter pago o aluguel e, nesse ponto, poderia também se sentir assim pela morte do irmão.

Necessitado, mas ainda guardando esperanças em relação à ação da sociedade, Ismael, ao ver o “quase médico” na rua, cliente do posto em que ele trabalhava, reconhece-o e resolve pedir ajuda, todavia, recebe dele palavras ameaçadoras e de puro desprezo. O rapaz abruptamente grita e ameaça chamar a polícia pela importunação, afirmando não o conhecer. Ismael, nesse ponto, compreende que não era percebido para além da sua condição servil, de seu trabalho como frentista. Fora daquele espaço, Ismael era entendido como uma possível ameaça, alguém cuja visibilidade incomoda, causa mal-estar, angústia, a parte da sociedade que deve ser escondida.

Diante disso, Ismael, levado por um ímpeto inerente à necessidade de refreamento pulsional, próprio da pulsão de morte, desafia a opressão simbólica transvestida de “branco” e ultrapassa os limites da janela do carro do médico para sufocar, por fim, a “cidade dos colonos”, fazendo-se visível na dor do outro, resgando no olhar apavorado do rapaz a certeza de sua existência. Quando Ismael se lança ao pescoço do médico com a corda que retirou do cavalo, movido pelo seu sentimento de agressividade primária, ele buscava, desesperadamente, mais do que se vingar pelo desprezo de todos em relação ao seu estado de miséria; buscava, frente a uma situação em que estava sendo insultado e ameaçado, o resgate de um ambiente confiável e de acolhimento. Ainda preso nesse exato instante, sua psique o interpela, trazendo à mente as lembranças da privação sofrida por Úrsula.

Instantes antes de Ismael apertar a corda no pescoço do médico, a ponto de seus dedos estalarem, seu próprio corpo suplicava a presença da figura paterna, ele caçava o objetivo da perda original por meio de uma atividade que o unia a figura de Ravi. Como quem deseja laçar um animal, Ismael relata: “fui, montado, sempre, me abaixando mais, alcançando as crinas do animal, alcançando a corda, desamarrando-a lentamente do pescoço [...], eu me curvando todo para dentro do carro” (Fernandes, 2022, p. 24), possivelmente, retomando os ensinamentos de Ravi.

Destarte, o laço que agora era conduzido pela pulsão de morte de Ismael também era conduzido pela agressão de pretendia resgatar uma sociedade que acolhesse sua existência. A delinquência de Ismael, nas condições sociais estruturadas pela lógica colonial excludente da Mãe-Pátria, nega aspectos essenciais para sua subsistência, como cor e situação financeira. Isso atrela a ação de Ismael a uma esfera maior, a social, entendendo-a como um resgate da humanidade que lhe fora subtraída. Nesse contexto, sua delinquência indica que alguma esperança subsiste, pois é um pedido de acolhimento e rigor paterno advindos das instituições de poder e da sociedade.

Os crimes praticados por Ismael situam-se em um contexto contemporâneo permeado pela lógica colonial, devido ao racismo estrutural presente no ambiente descrito. Nesse sentido, a ordem estabelecida desumaniza e segrega, caracterizando-se pela contínua desigualdade no acesso à educação, oportunidades de emprego e justiça, conforme descrito por Fanon (2022) em *Os Condenados da Terra*. A herança, a qual Ismael teria direito, refere-se à violência que o interpela desde o nascimento, sentenciado pelo medo.

Como visto em Winnicott (2023), para que se instaure a verdadeira privação, manifestada pelos atos antissociais, é preciso que o jovem ou a criança tenha um certo nível de maturidade para compreender que a falha não foi proveniente dela e sim do ambiente que não deu a ela condições de se desenvolver. Na perspectiva de Ismael, nem o ambiente do lar e nem mesmo as instâncias sociais conseguiram prover para ele o básico para o seu desenvolvimento. Além disso, não poderíamos abordar a estética presente na complexa formação desse personagem se não observássemos que a privação e a delinquência, no caso de Ismael sua condição socioeconômica e o racismo presente na sociedade contemporânea é a lâmina que corta dele as possibilidades, as oportunidades e as condições suficientemente adequadas de vida.

Outrossim, quando Fanon aborda a questão da violência, em sua obra *Os condenados da Terra*, ele corrobora o pensamento aqui presente de Kilomba (2019) no que tange a questão da segregação, pois ele enfatiza que o “mundo colonizado é um mundo dividido em dois. A linha divisória, a fronteira, é indicada pelos quartéis e delegacia de polícia” (Fanon, 2023, p. 34). Não fica claro se Ismael cometeu o primeiro roubo, entretanto, fica evidente a preocupação de sua mãe em relação à não associação com estigmas sociais perpetrados contra pessoas negras e economicamente desfavorecidas.

Por fim, ao analisar mais profundamente, podemos perceber que as narrativas que Ismael compartilhava durante sua infância, em busca de alguns trocados nas ruas, já refletiam sua condição de privação. Ao descrever a busca policial por um “bandido” que corria para trás, um indivíduo que “corria de costas”, e afirmar que aqueles que desejassem capturar o “ladrão” também precisariam saber “descorrer”, Ismael poderia ser interpretado como esse próprio “bandido”. Em meio à sua realidade e marcado pela carência, ele busca alcançar algo que lhe fora negado no passado. Ismael, ao “descorrer”, empreende uma busca pelo que lhe foi negado por Ravi e continuava a ser negado pela sociedade. Por isso, quem desejasse alcançar o menino, resgatá-lo, compreender sua delinquência e findar essa condição, necessitava “desmarchar”, trilhar o mesmo caminho de retorno às perdas originais, respondendo-lhe nos momentos de maior esperança.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem literária, ao passo que vai além das fronteiras do consciente, revela aspectos que estão ocultos em meio ao inconsciente estético da obra. Autores como Pound e Bellemin-Noël fortaleciam os alicerces desse pensamento na medida em que afirmavam a existência de uma pluralidade de sentidos que pertencia à obra, ela própria, estando o autor despossuído da sua criação, o que situa o texto enquanto um palco para o desabrochar das múltiplas facetas das experiências humanas. Dito isto, percebemos que a literatura contemporânea brasileira é considerada uma ferramenta de repercussão das questões sociais, culturais e humanas. Seu alinhamento com textos mais recentes da área da psicanálise, que buscam apresentar questões como o racismo de forma transversal às categorias já delineadas por essa área do conhecimento, faz-nos levantar hipóteses acerca de obras que revelam os sentimentos mais odiosos em relação ao outro, ao diferente de si. Por conseguinte, na obra de Rinaldo de Fernandes (2022), *Eu não quis te ferir*, Ismael é a voz que revela a crítica ao racismo na contemporaneidade.

Ademais, percebe-se que as (de)privações e os traumas que acompanham a vida do personagem Ismael emergem no texto por meio dos atos de delinquência, como uma súplica pelo cuidado e apoio que lhe foram negados durante toda sua trajetória. Seus atos destrutivos buscam expor uma série de violências físicas e simbólicas que afligiram a ele, bem como sua mãe, Rosa, e seu irmão, Jonas. Os bastardos da herança odiosa carregam as máculas sufocantes da sociedade por meio de seu desespero, dor e angústia.

Por fim, é preciso reconhecer que as ações descritas na obra de Fernandes tiveram sua gênese na lógica estrutural do racismo, de forma a nos impelir um pensamento menos moralista e mais voltado para a análise de contextos peculiares de um ambiente que, durante muitos anos, construiu uma tecnologia perversa de opressão por meio de uma hierarquia racializada. Assim, os conceitos de Winnicott (1988; 2023), levando em conta a necessidade de amparo do ambiente para o desenvolvimento de um ser integrado, e as considerações de Fanon (2008; 2022), nos possibilitam um entendimento mais complexo do contexto narrativo, explorando de maneira mais abissal e abrangente o papel do racismo na dolorosa degradação da família de Ismael, bem como dele próprio. Dessa forma, não apenas avaliamos a violência presente na obra, mas também questionamos os valores e os

comportamentos da sociedade diante das situações nas quais o jovem encontrava-se envolvido.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L.. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

APPIAH, K. A.. *Na casa de meu pai: A África na filosofia da cultura*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BELLEMIN-NÖEL, J.. *Psicanálise e Literatura*. Tradução de Álvro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix, 1978.

BENTO, C. *Pacto da Branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRANDÃO, R. S.. *Literatura e Psicanálise*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996.

DA SILVA, V. G.. *Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira*. Selo Negro, 2005.

DALCASTAGNÈ, R.. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Horizonte, 2017.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad. Ligia F. Ferreira & Regina S. Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FANON, Frantz. *Pele Negra Máscaras Brancas*. Tradução de Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Rinaldo de. *Eu não quis te ferir*. Rio de Janeiro: Garamond, 2022.

FRANKENBERG, R.. *A miragem de uma Branquitude não marcada*. In V. Ware (Org.), *Branquidade, identidade branca e multiculturalismo* (V. Ribeiro, trad., pp. 307-338.). Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FREUD, S.. *Freud - O infamiliar [Das Unheimliche]* – Edição comemorativa bilíngue (1919-2019). BOD GmbH DE, 2019.

FREUD, S.. *Freud-Arte, literatura e os artistas*. BOD GmbH DE, 2015.

GENTILI, P.. *Neoliberalismo e educação: manual do usuário*. In: SILVA, T. T. & GENTILI, P. (Orgs.). Escola S.A.: quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo. Brasília, DF: CNTE, 1996, p. 9-49.

GONZALEZ, L.. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. Revista Ciências Sociais Hoje, Brasília, Anpocs, p. 223-244, 1984. Disponível em Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf>. Acesso em: 19 de jan de 24.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade* / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro — 11. ed. — Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 104 pp.

NOGUEIRA, I. B. *A cor do inconsciente - significações do corpo negro*. São Paulo: Perspectiva, 2021.

PELLEGRINI, T. No fio da navalha:: literatura e violência no Brasil de hoje. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, [S. l.], n. 24, p. 15–34, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9003>. Acesso em: 23 abr. 2024.

PONTES, C. G.; TRAJANO, A. T.. *Uma leitura decolonial de eu não quis de ferir*. Campina Grande: Revista de Estudos Decoloniais, v. 2, n. 1, 2024. Disponível em <<https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/estudosdecoloniais/article/view/2081>>. Acesso em: 08 de abril de 2024.

POUND, E. *ABC da literatura* — 11. ed. — São Paulo: Cultrix, 2006. 240 pp.

RANCIÈRE, J.. *O inconsciente estético*. São Paulo: Ed.34, 2009.

REIS, D. S.. Saberes encruzilhados:(de) colonialidade, racismo epistêmico e ensino de filosofia. Educar em Revista, v. 36, p. e75102, 2020.

TRILLING, L.. *Freud e a literatura*. In: A imaginação liberal. São Paulo: É Realizações, 2015, p. 63.

WINNICOTT, D. W. *Deprivation and Delinquency* / organizado por Claire Winnicott, Ray Shepherd e Madeleine Davis. São Paulo: Ubu Editora, 2023. 368 pp.